



Director literario:

Augusto Lopes
 PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

Edwardo Lello
 PAPUSSE

O PANAMÁ DE APARÍCIO



1
 Aparício Santos Serra recém-vindo do Pará, trás um grande panamá como é de uso lá-na terra.



2
 Resolvido o ter o prémio das fadigas que lá teve, dispõe-se a uma vida leve pois nunca foi um boémio.



3
 Aluga casa no campo entre colinas e prado onde pasta o manso gado e onde brilha o pirlampo.



4
 O seu prazer consistia em ter burros, vacas, bois... o pior é que, depois, era certo, adormecia.



5
 E um dia oh que pesadêlo que teve o nosso Aparício, ao sentir certo bulício em volta do seu cabelo!



6
 Abre os olhos, põe-se à lerta: —«ai o que há, que não há?!» e Santos Serra desperta sem abas no panamá!

NO PROXÍMO NÚMERO:

NOVAS PARTIDAS DE PIM, DE PAM E DE PUM

« O A R D I N A »

POR AUGUSTO DE SANTA-RITA

DESENHO DE TIO-TÓNIO

NOVE anos de idade . . Eis o «ardina», o gaiato
vendedor de jornais,
vivo como os pardais
e esperto como um rato!

Calça comprida já, cigarrito na bôca
e um ar pimpão,
por entre a confusão
e os ruídos freneticos
das carroças, «tipoias», dos electricos
num constante zum-zum
e em fúria louca;
voz grossa já, apregoando rouca:
—«Olha ó Seculo...o Século é o Pim-Pam-Pum!..»

Nunca teve ama que lhe dêsse o leite,
beijos, carinhos, como os bêbésitos
que usam iato à maruja e uns apitos
que lhes servem de enfeite
e que são tão bonitos, tão bonitos!
Bêbésitos que andando pela mão
das mamãs ou avós que os estremecem,
nem sabem por onde vão...
pois nem as ruas conhecem!

Não os inveja — (coitados!) —
no fundo, são uns atados;
se os desafia um mais velho,
metem-se logo em acolhas,
não sabem dar duas «trollhas»
como êle, mesmo fedelho
e embora vivendo à mingua;
nem teem resposta pronta,
como êle, à ponta
da língua!

Nunca teve um presente,
um bonito qualquer,
que se limita, unicamente,
a ver
nas montras dum bazar
ou na mão dos meninos
— bêbés finos —
que veem de os comprar;
um cavalo, uma bola,
soldadinhos de chumbo,
uma cornêta, um bumbo,
uma pistola!

Mas, apesar disto tudo,
todo entregue à sua lida,
nada lhe causa desgosto;
pois, assim mesmo miúdo,
já sabe ganhar a vida
com o suor do seu rosto!



QUATRO ANOS

AO ANTÓNIO ■ ■

Quatro anos, quatro anos!
Quatro anos são os teus.
A contar 1, 2, 3, 4,
Perdi a conta dos meus.

Quatro anos, quatro anos.
E eu com tantos, afinal,
Pelo amor que te dedico
Fico sendo teu igual.

Sinto-me ainda menino,
Ao pé de ti, vê lá, agora,
Só com esta diferença:
— Um menino que não chóra.

Quatro anos! E a Avó diz:
Com um netinho, assim terno,
E' ter a mais linda flôr,
Mesmo no pino do inverno.



■ ALFREDO BROCHADO ■

PALAVRAS CRUZADAS Correspondência atrasada

■ ■ ■

	1	2	3	4	5	6	7
1	o	u			m	a	n
2	u	h		M		A	O
3	o			a	z		u
4	m			u	l		
5		l	z	u			
6							
7	u						

MOENITA

Horizontais. — 1, Caminho, grande porção de água. — 2, Interjeição, consoante, único. — 3, Vogal, vogal no plural, vogal. — 4, Consoante, nota de música, consoante. — 5, algarismo, vogal. — 6, consoante, vogal, consoante. — 7, verbo, isolado.

Verticais. — 1, mau, verbo. — 2, Interjeição, consoante, consoante. — 3, Vogal, vogal. — 4, Nome de mulher. — 5, Consoante, interjeição. — 6, Carta, consoante. 7, Furtar.

A solução no próximo número.

Suzette. — Já respondi num numero passado às cartas em que me mandava «Os dois conquistadores» e «Uma aventura de Quim».

Como já disse, os versos estão bem feitos, mas o assunto é pouco definido para poder ser compreendido por crianças. Sobre qualquer outro assunto... às ordens...

Onréves. — Achei muito interessante a sua história mas um pouco fraquita. Como é a primeira vez, não admira. Não é verdade?

Renato Matos. — Os «boxeurs» que mandou tem apenas um defeito. Estarem desenhados num traço tão fino que desapareceria completamente na gravura.

Georgina H. Santos — Revelas vocação para a paisagem mas falta do método e o mesmo defeito do anterior.

Alberto Roseta, Jorge Bispo, Raul Miguel, Henry Albert Corher, Jorge Galamba Marques, Raul Ascenção Freire, J. A. Sarmento, Aurora Guimarães Gomes. — Que pena ter o mesmo defeito...

Abel Pereira da Silva. — A sua *História dos Gafanhotos* já foi publicada.

Victor Ferreira de Melo. — A história do Rei Midas é já muito conhecida.

Lill Ferreira. — E as historiazinhas?

António Correia Lopes. — A sua história está tão fraquinha, meu caro sobrinho, que não pede ser publicada.

Eugenio Santos Gonçalves. — Comoveram-me profundamente os teus versos intitulados «Os orfãos» mas estão tão fraquinhos... Por enquanto limita-te a escrever prosa. Valeu?

Venha lá esse abraço.

João José Dôres Pinto. — O defeito de todos os desenhadores principiantes é perderem-se numa infinidade de detalhes, que se confundem no conjunto.

A tua adivinha está nessas condições. E' pois preciso, traço mais forte e menos risquinhos. Compreendes?

Silvius. — Os versos não servem. As palavras cruzadas... veremos.



O FRANGAÏNHO MEDROSO

CONTO PARA MENINOS PEQUENINOS

■ POR AUGUSTO DE SANTA-RITA ■
DESENHOS DE TIO-TÓNIO



ERA uma vez um frangaïno medroso, chamado «Zé» Pinto, que caiu nas sortes e teve que fazer serviço militar, tendo sido apurado para cavalaria.

No dia da inspecção compareceram muitos mancebos (que é este o feio nome geralmente dado aos que chegam à idade de ingressar nas fileiras do exército,) afim de defenderem a sua Pátria, em caso de guerra.

Ratos, gatos e patos de três meses, que é a maioridade da maior parte dos bichos, já tinham sido apurados e estavam muito conformados com a sua sorte e até mesmo envaidecidos com a idéa de poderem vir a ser úteis ao seu país e de terem de envergar uma farda. Só o frangaïno se não conformava. Estava quasi a chorar.

A mesa do jú ri era constituída pelo general Có-có-ró-có-Galão que tinha dois esporões e era, portanto, também de cavalaria. Pelo major Rinhãnhau, de grandes bigodes, que era de sapadores mineiros e do coronel Æo-ão-ão, «bull-dog» mal encarado, que era de artilharia.

«Zé» Pinto, depois de inspecionado pelo doutor Cuá-cuá, um Pato-marreco, que era o médico do quartel, e de haver tirado um número alto, ficou apurado para cavalaria um.

Após três meses de serviço militar no campo da Amadora, o rei da capoeira, sua magestade Perú-Velho, decretou guerra a el-rei Pavão porque este exigia que el-rei Perú sempre que passasse



pelo seu grande leque lhe fizesse um grande sala-maleque e Perú-Velho, orgulhoso, não estava para isso.

Declarada a guerra, montado numa tartaruga, o general Galão, por ordem do Perú Velho, passou revista às tropas. Lá estavam o major Rinhánbau de bigodaça eriçada e cheio de aprumo, à frente de um regimento de ratazanas. Lá estava o coronel Bêu-Bêu com uma enorme peça de artilharia e com voz de trovão: — Ao-ão-ão-ão... a comandar seu pelotão de magalas que eram furões e lebres. Lá estava o capitão Ganso escarranchado num formosíssimo cágado, à frente das suas praças, entre as quais se destacava o frangainho «Zé» Pinto, montado num caranguejo.

Se é certo que o frangainho era um grande finório, o general Galão bem mais esperto era ainda. A idéia do caranguejo levava água no bico! — dizia, de si para si, falando com seus botões, doirados e luzidios, Có-có-ró-có Galão. Todavia calou-se, não percebendo bem o motivo porque êle havia escolhido aquela montada que tanto destoava das outras.

Dois dias depois, já no campo onde a luta se havia de travar, começaram todos a preparar as trincheiras. Já estava marcada a giz a primeira linha de fogo, para lá da qual se estendia a terra de ninguém.

Ao primeiro: — *Pum!* soltado pela peça de artilharia do coronel ão-ão-ão-Bêu-bêu, o general Galão com seu ar pimpão, ordenou ao capitão Ganso que não fosse tanso e fizesse marchar o seu regimento para a primeira linha de fogo que era, então, já intenso por parte do inimigo. «Zé» Pinto quando ouviu tal ordem, ia desmaiando com medo.

General Galão, empunhando um binóculo, seguia, da retaguarda, o movimento das tro-

pas que, cheias de coragem, iam sempre avançando.

Qual não foi, porém, o seu espanto, ao ver que «Zé» Pinto, quanto mais avançavam os companheiros, mais recuava. Até que, finalmente, compreendia o motivo porque êle escolhera para montar o caranguejo que, como é sabido, ao contrário dos outros animais, anda sempre para trás.

«Zé» Pinto, cada vez mais longe dos camaradas, vendo alguns caírem por terra, feridos ou mortos heroicamente, esfregava as asitas radiante pela idéia manhosa que tivera, impossibilitado — (pensava êle) — de avançar como os outros.

A certa altura, porém, mudou do côr: — o general Có-có-ró-có-Galão dera ordem ao capitão Ganso para fazer recuar o seu regimento. Quer recuando, quer avançando, todos teriam de obedecer às suas ordens, sôb pena de serem luzilados. Or

(Conclue
na pag. 8)



ADIVINHA

Eu sorria a toda a gente
que me sorri, ao mirar;
sòmente... falar me falta,
se alguém chora, em minha
frente,
desato logo a chorar

Decifração das anteriores

1 — N6-cego 2 — Vassoura

ANEDOTAS

Um tabelião, no acto de fazer
testamento a um saloio, pergunta-
lhe:

— Quantos filhos tem?
— Cinco, senhor... e três que
morreram, oito.
— Como se chamam os mortos?
— Lá na minha terra, senhor,
chamam-se... defuntos.

* * * *

Barnabé visita pela primeira
vez um paquete.

O capitão do navio mostra-lhe
todas as dependências, e, quando
chega à casa das máquinas, diz-
lhe:

— Esta máquina é de 100 ca-
valos.
— Extraordinária coisa! Eu gos-
tava de vêr agora a cavalaria.

* * * *

Médico (examinando um cadá-
ver).

— Três golpes, o primeiro foi
mortal. Agora, os outros dois, fe-
lizmente, não tem importância al-
guma.

JOSÉ FERNANDES

* * * *

À hora do chá, madame X e suas
amigas, em tarde de recepção, con-
versam animadamente

Mimi, criança de cinco anos,
brinca sôzinha, sôbre a «carpete»
armando um «puzzle».

A certa altura, entra a Baroneza
Z que, após haver saudado as se-
nhoras presentes, afaga a pequen-
nita e exclama:

— «Queres vir hoje jantar a
minha casa, Mimi?»

— «Quero, quero, senhora Ba-
roneza!»—(volve a criança com
entusiasmo, acrescentando):—mas
há-de levar-me ao sótão».

— «Ao sótão?!»—(exclama, in-
trigada, a Baroneza)—Mas para
que queres tu ir ao sótão?!»

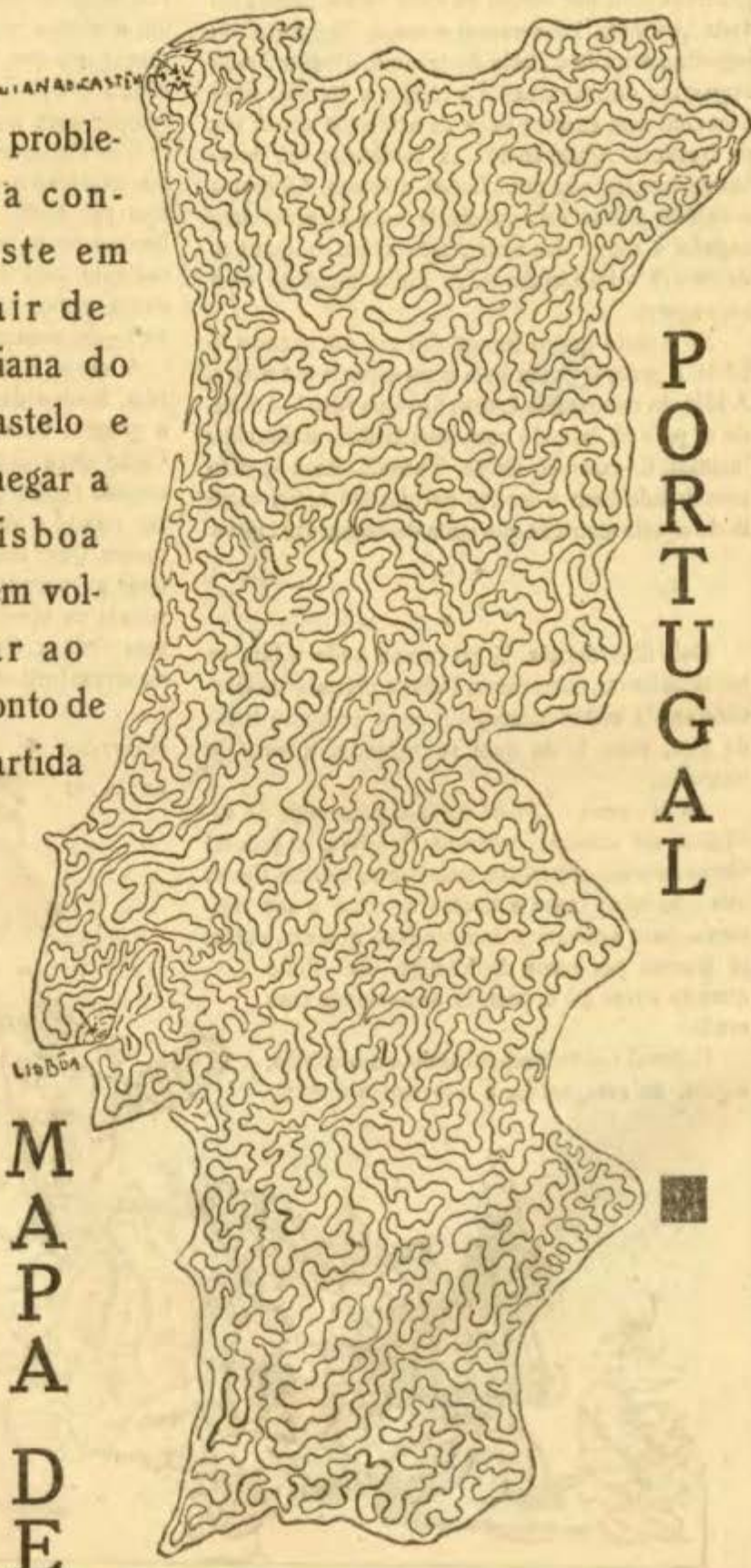
— «Para ver os macaquinhos.»
diz ingénuaemente Mimi.

— «Mas eu não tenho lá nenhum
macaquinho, Amôr!»— torna a
Baroneza para a pequenita que in-
siste:— «Ah, isso tem; pois, pouco
antes da senhora Baroneza entrar
a mamã dizia para estas senho-
ras:— a Baroneza Z tem maca-
quinhos no sótão!»

LABIRINTO-PROBLEMA

POR ANTONIO DE SOUZA PINHO

O proble-
ma con-
siste em
sair de
Viana do
Castelo e
chegar a
Lisboa
sem vol-
tar ao
ponto de
partida



P
O
R
T
U
G
A
L

M
A
P
A
D
E

HORA DO RECREIO

UM «CACHE-POT» A FINGIR

PARA A CASA DAS BONECAS

Com uma meia casca de ovo, cuidadosamente recortada e furada com uma agulha em três pontos, podereis fazer o "cache-pot" que a figura indica.

Dentro coloca-se terra e plantas com raiz, de maneira a conservar fresca por mais tempo.

Exteriormente, pintam-se-lhe arabescos a várias côres, para lhe dar um ar... futurista.

E mais nada., Qualquer coisa que pretendam e seja realisavel os ensinará a fazer o

TIO TÓNIO
Rua do Século, 43



COLABORAÇÃO INFANTIL



PARA OS MENINOS TRACEJAREM

